



TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS: O MEU PROFESSORAR INDÍGENA KAMBEBA

TRAJECTORIES AND MEMORIES: MY INDIGENOUS KAMBEBA TEACHER

Raynete Dias da Silva¹
Jeiviane Justiniano²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Meu nome é Raynete Dias da Silva, sou Indígena do Povo Omágua-Kambeba, com o nome *Werakuira* na língua indígena, que significa passarinho. Tenho 26 anos de idade, sou mãe de uma menina, a Kanata da Silva Pontes, com 14 anos de idade, sou a primeira filha de Raimundo Cruz da Silva e Sulinete Cruz Dias e vou contar um pouco da minha trajetória escolar e profissional em relação à educação.

Comecei a estudar numa Escola Municipal situada na Aldeia Três Unidos que fica a 60 km da cidade de Manaus – AM, no rio Cuieiras. Era uma escola pequena e meu pai era, o meu professor. Ingressei com sete anos na 1ª série e fiz até a 5ª série na mesma escola. Era uma sala multisseriada na qual penso até hoje que este era um dos motivos por gostar tanto de estudar, pois o professor Raimundo Kambeba trabalhava com muitas séries e vários níveis numa sala só, uma realidade própria das escolas indígenas.

¹Professora da Escola Indígena Kambeba Kanata T-ykua. Aluna do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail: raynete.silva@semed.manaus.am.gov.br

²Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: jjustiniano@uea.edu.br



As comunidades indígenas vivenciam experiências exitosas com escolas multisseriadas. Muitos dos seus estudantes, a maioria, certamente, passaram por classes com essa estrutura. E vários conseguiram cumprir bem os processos de alfabetização, de letramento, de numeramento e prosseguiram seus estudos e suas interações sociais (Costa, 2020, p. 144).

Na sala de aula, sempre era uma grande quantidade de alunos, confesso que eu amava ir à escola todos os dias. Quando passei para a 6ª série, fui estudar em uma Escola Estadual. Tive um impacto muito forte ao chegar a esse espaço educacional que atendia mais de 100 alunos, e os conteúdos nada tinham a ver com o que eu estudava na outra escola, a indígena. Sabe quando você parece estar em um lugar onde você não deveria estar? Pois é, era assim que eu me sentia nos primeiros quatro meses na instituição onde eu estudava. Eu senti muita falta também das aulas e dos diálogos que tínhamos com o professor e os anciãos da comunidade durante as aulas, já que os assuntos eram importantes voltados à nossa realidade e aos nossos costumes Kambeba.

Os indígenas brasileiros têm direito a uma educação diferenciada, bilíngue e intercultural, ou seja, um processo educativo que se efetive de acordo com as especificidades de seu povo. Esses direitos são resguardados por instrumentos normativos nacionais e internacionais, com destaque para a Constituição Federal (1988); Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional LDB 1994 (1996); Plano Nacional de Educação PNE (1998) e Referencial Nacional para as Escolas Indígenas RCNEI (2002) (Almeida; Albuquerque, 2016, p. 47).

Lembro-me que, em alguns dias, as aulas na escola Kambeba eram dadas embaixo das árvores e o professor e os anciãos nos contavam histórias, faziam perguntas sobre os assuntos que nós gostaríamos que ele nos ensinasse. Hoje eu sei que muitas das conversas eram prazerosas porque, em um momento simples, tiravam muitas dúvidas nossas. Fui alfabetizada na Língua Kambeba e na língua Portuguesa pelo Professor Raimundo kambeba admirando suas práticas em sala de aula.

Foi a partir dessas experiências com a minha família e com o meu povo que eu me preparei para ser professora indígena. Para continuar esse relato, este memorial está organizado em três partes: a primeira aborda os meus caminhos no processo da



docência, a segunda retrata um pouco do meu trabalho em sala de aula e a terceira apresenta a importância do projeto Oficinas de Formação em Serviço, por meio da Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, na formação continuada do meu fazer pedagógico.

Espero, com este memorial, contribuir com a formação inicial e continuada de professores indígenas que marcam sua identidade pelo processo da interculturalidade e pela valorização linguística e cultural de seu povo.

CAMINHOS DA DOCÊNCIA

Em 2018, optei por fazer meu Ensino Médio em uma escola particular em Manaus. Depois de terminar, então resolvi me inscrever no vestibular. Escolhi estudar Pedagogia por ser uma herança, um laço familiar, e por admirar a profissão de meu pai. Sempre tive uma grande admiração pela profissão docente e, principalmente, sempre almejei ser uma educadora indígena, lecionando na nossa própria língua materna e valorizando os conhecimentos dos nossos anciãos.

No ano de 2021, surgiu uma oportunidade. Na comunidade Três Unidos, no rio Cuieiras, onde moro, estavam precisando de professores para trabalhar na Escola Indígena Kanata T-Ykua e eu me candidatei a participar dessa seletiva. Fui uma das selecionadas para assumir essa profissão tão importante para mim e para o meu povo que ali também estavam felizes pela minha conquista. Em março do mesmo ano, comecei minha jornada como professora contratada pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus (Semed), aprovada no Processo Seletivo – PSS específico para professores indígenas. A alegria foi imensa, assumi minha primeira turma com 10 crianças na série de Educação infantil.



Figura 1 - Escola Kanata T-ykua – Educação Infantil



Fonte: Raynete Dias (2023)

Nesse ambiente escolar, pude desenvolver minha prática Pedagógica de forma intercultural e ali começaram os desafios de como trabalhar com o Currículo da Secretaria e com os conhecimentos tradicionais desenvolvidos na comunidade.

É importante destacar que a Semed Manaus tem 04 escolas indígenas³, das quais uma é a Kanata T-ykua do povo Kambeba. No entanto, não dispõe de um currículo próprio para ser desenvolvido por essas escolas, isto é, o currículo a ser trabalhado na escola indígena é o mesmo da escola urbana, o que nos leva a construir cotidianamente um currículo realmente vivenciado que contempla tanto os saberes tradicionais quanto os universais, estes chamados pelo meu povo de conhecimentos

³ O Decreto Municipal nº. 1.394, de 29 de setembro de 2011 “dispõe sobre a criação e o funcionamento de escolas indígenas e o reconhecimento da categoria de professores indígenas no Sistema de ensino municipal no âmbito do município de Manaus” e a Lei nº 2.781, de 16 de setembro de 2021, atualiza o decreto de 2011, e “dispõe sobre a criação da categoria Escola Indígena Municipal, dos cargos dos profissionais do magistério indígena, da regularização dos espaços de estudos da língua materna e conhecimentos tradicionais indígenas na rede municipal de ensino da Secretaria Municipal de Educação de Manaus e dá outras providências” (Oliveira, 2022, p. 119).



não indígenas, promovendo a valorização da cultura Kambeba e a alfabetização também na língua indígena.

Para mim, esse é um grande desafio, mas me permite desenvolver uma pedagogia decolonial que não despreza os saberes do meu povo; ao contrário disso, valoriza esses saberes, desenvolve na criança kambeba a alegria de pertencer à cultura Kambeba no processo político da interculturalidade, conforme aprendi com Candau e Russo:

[...] Os processos educativos são fundamentais. Por meio deles questiona-se a colonialidade presente na sociedade e na educação, desvela-se o racismo e a racialização das relações, promove-se o reconhecimento de diversos saberes e o diálogo entre diferentes conhecimentos, combate-se as diferentes formas de desumanização, estimula-se a construção de identidades culturais e o empoderamento de pessoas e grupos excluídos, favorecendo processos coletivos na perspectiva de projetos de vida pessoal e de sociedades “outras” (2010, p. 166, grifos da autora).

A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE

Como relatei na seção anterior, comecei a desenvolver minhas práticas pedagógicas na Escola Indígena Kanata T-ykua. Meu maior sonho era trabalhar na mesma escola onde meu pai foi professor e hoje é gestor educacional. Isso aconteceu, com muita força de vontade e com o apoio da minha família e da comunidade, eu consegui lecionar na mesma instituição de ensino que ele. A partir daí, comecei a desenvolver as práticas de sala de aula que aprendi com meu pai; por admirar tanto a forma como que ele nos ensinava, segui o mesmo método de Alfabetização, mais adiante explico como se constitui esse método.

Hoje, na escola Kanata, desenvolvo as minhas aulas de forma intercultural que aprendi na adolescência e permanece na essência das minhas práticas pedagógicas, sempre envolvendo o cotidiano das nossas crianças indígenas Kambeba. Os anciãos também são os nossos grandes professores, conhecedores dos conhecimentos tradicionais, estamos sempre juntos em sala de aula e contam eles próprios suas histórias.



Figura 2 - Professora Raynete Kambeba – Educação Infantil



Fonte: Raynete Dias (2023)

Trabalho com a turma de Educação Infantil, com 10 crianças do meu povo, ensinando a Língua Materna e também o Português. Funciona assim: ensino primeiro os sons das letras, tanto na língua kambeba quanto na língua portuguesa. Parto do pressuposto de que eles já trazem o conhecimento da língua vinda de casa. Então, empregamos as palavras usadas comumente na alfabetização e relacionamos com as palavras que eles já têm conhecimento da língua kambeba. Esse trabalho de alfabetização bilíngue significa o fortalecimento político do meu povo, fundamentado na legislação que regulamenta a Educação Escolar Indígena. Oliveira e Justiniano (2022, p. 84) destacam que, apesar da normativa vigente, “no que concerne especificamente à língua, não há uma política linguística pensada por parte do estado do Amazonas, mas estratégias das comunidades e algumas ações em municípios, como a cooficialização de línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira⁴”, para que a língua nativa tenha sua funcionalidade na escola e nos demais espaços sociais ameríndios. No caso da Aldeia Três Unidos, o meu povo Kambeba vive um processo de revitalização e, na escola, nós assumimos a língua indígena no processo de

⁴ Nesse município, são cooficializadas as línguas Tukano, Nheengatu, Baniwa e Yanomami (Oliveira e Justiniano 2022).



alfabetização exatamente por concebê-la como símbolo da cultura e do fortalecimento político.

Minhas aulas são dadas com o recurso que temos e eles estão por toda parte, a começar da natureza que nos rodeia, recolhendo folhas, gravetos, pedras, sementes e tantos outros materiais. Essas coletas são usadas para as minhas aulas. Os materiais são importantes para ensinar os numerais, quantidades e palavras do nosso cotidiano kambeba.

Figura 3 - Aula Educação Infantil: Conhecimentos do Povo Kambeba



Fonte: Raynete Dias (2023)



Figura 4 - Aula Educação Infantil: Conhecimentos do Povo Kambeba



Fonte: Raynete Dias (2023)

Na Escola Kanata -Ykua, para ensinar o Kambeba e o português faço aulas de música traduzidas para a nossa língua e uso o tambor, o chocalho, a canoa, o remo, o arco e a flecha feitos por nós. Eu aproveito também para ensinar a história de cada instrumento, sempre traduzindo para as duas línguas. Fazemos isso, resgatando nossa história.

Leciono desde os 13 anos de idade, coube-me assumir o ensino dos pequenos quando a comunidade ficou sem o único professor, que era meu pai, Raimundo kambeba. Ele precisava terminar a graduação e eu e a minha irmã Raylene Kambeba, que já admirávamos tanto a profissão, ficamos responsáveis por continuar o ensino do nosso povo. Hoje, Raimundo é Diretor da escola, trabalhamos juntos desenvolvendo uma educação de qualidade para as nossas crianças. Esse sempre foi meu sonho: ajudar meu pai, a comunidade e o povo kambeba. Faz parte da tradição indígena repassar o conhecimento de geração para geração.



Figura 5 - Sala de Aula – Educação Infantil da Escola Kanata T-ykua



Fonte: Raynete Dias (2023)

PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO/PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO

A escola Kanata T-ykua recebe e atua em vários projetos durante o ano escolar. Atualmente, faz parte do projeto Oficinas de Formações em Serviço (OFS), uma parceria entre a Semed Manaus e a UEA, por meio da qual é ofertado aos docentes da escola e comunitários um curso de especialização – “Gestão de Projetos e Formação Docente” – cuja base é a formação continuada em serviço, desenvolvida a partir da transdisciplinaridade e do pensamento complexo (MORIN, 2001).

Durante o curso, vivenciamos três momentos (2021 a 2023). O primeiro foi dedicado às disciplinas, permitindo, além do reconhecimento do cotidiano, da transdisciplinaridade e da complexidade, a análise de nossas práticas pedagógicas no contexto do bilinguismo e da interculturalidade, assim como a reflexão da nossa identidade, da importância social e política de nossa língua materna e da cultura escolar indígena Kambeba da Aldeia Três Unidos.



Figura 6 - Aula da Especialização – Práticas Pedagógicas Transdisciplinares na Casa da Farinha da Aldeia Três Unidos/AM



Fonte: Justiniano (2021)

Ao final dessa primeira etapa, construímos nossa Matriz Dialógica Problematicadora (MDP) com o levantamento dos problemas enfrentados pela escola a partir de três dimensões – língua, política e saberes universais e tradicionais – cujas análises do que vem sendo feito no contexto da Kanata e o que se pretende como povo Kambeba resultaram em projeto formativo intitulado “O currículo vivenciado na escola indígena Kambeba Kanata T’ykuá: promovendo o diálogo intercultural entre os saberes tradicionais e universais”.

Esse projeto, construído coletivamente por todos os professores da escola, com a mediação da professora Jeiviane Justiniano, permitiu a realização de duas oficinas pedagógicas, que foram desenvolvidas na segunda etapa da especialização: alfabetização bilíngue e formação política indígena. A proposta das oficinas contribuiu com os processos de ensino e aprendizagem já desenvolvidos em nossa escola, buscando o diálogo entre os fundamentos da Educação Escolar Indígena e a história de luta do movimento indígena, tendo como fundamento a interculturalidade, o bilinguismo e a coletividade.



Além disso, fortaleceu o nosso trabalho e permitiu a articulação entre os saberes tradicionais e os universais (não indígenas), contribuindo com a reflexão de nossas práticas docentes e com o desenvolvimento de competências e habilidades no processo da alfabetização bilíngue.

Figura 7 - Oficina Pedagógica – Alfabetização Bilíngue



Fonte: Justiniano (2022)

A partir dessas oficinas, foi realizado o terceiro momento da especialização: a construção do projeto de aprendizagem e, posteriormente, a sua realização. Assim como aconteceu com o projeto formativo, o projeto de aprendizagem foi construído por nós coletivamente a partir da temática “A espiritualidade do povo Kambeba”.

Essa temática tornou-se importante, no contexto da especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, para fortalecer os conhecimentos tradicionais, os valores do nosso povo, para formar nossas crianças em novos guerreiros, além de revitalizar os conhecimentos tradicionais da Espiritualidade Kambeba.

Para isso, a minha turma de Educação Infantil desenvolveu o subprojeto a origem do povo Kambeba a partir de contações de histórias, desenhos, músicas e dramatizações tanto na língua indígena quanto na língua portuguesa. Como professora, em parceria com minha irmã Raylene Kambeba, produzi um caderno de histórias sobre a origem do nosso povo, ilustrado com os desenhos feitos por meus alunos, que servirá de material didático para a escola Kanata.



Figura 8 - Caderno de Histórias – A origem do povo Kambeba



Fonte: Raynete Dias (2023)

Em meio de 2023, ocorreu a Mostra dos Projetos de Aprendizagens. Os meus alunos apresentaram nesse evento uma dramatização que retratou a origem do povo Omáguas- Kambeba.

Figura 9 - Escola Kanata T-ykua – Mostra do Projeto de Aprendizagem “A Espiritualidade do Povo Kambeba”



Fonte: Justiniano (2023)



Esse curso de especialização, em suas três etapas, nos proporcionou oportunidade enriquecedora e contribuiu com o meu fazer pedagógico, de ir para a prática docente com essa formação profissional. Foi uma experiência de como melhorar a minha prática pedagógica em sala de aula e a construção de ser uma boa professora.

O curso nos proporcionou colocarmos em prática várias áreas do conhecimento. No decorrer da especialização, tivemos também atividade com o projeto Assistência à Docência, com a TV Lepete, momentos que nos oportunizaram vários encontros de grandes experiências que enriqueceram o meu processo de formação docente. As experiências em sala de aula estão incluídas também, assim como os encontros formativos, a troca de saberes e a relação entre teoria e prática. Por fim, a importância da especialização para mim como professora indígena foi essencial no contexto da formação acadêmica e profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de registrar minha trajetória acadêmica, eu escrevi esse texto. Por meio da escrita, podemos eternizar memórias, resgatar lembranças, experiências e vivências que constroem quem somos. Sabemos que o passado não voltará, porém, ao relembremos esses momentos, estamos revivendo as etapas que nos fizeram chegar onde estamos.

Finalizo meu memorial com um poema coletivo, produzido, em uma das aulas da especialização, durante uma reflexão sobre currículo escolar. Essa escrita resume os momentos por mim vivenciados na formação continuada em serviço e registra a educação indígena Kambeba que fazemos na escola Kanata T-ykua.



O currículo em Construção

O currículo é uma luta coletiva

O currículo é interculturalidade

O currículo fortalece os conhecimentos da comunidade

O currículo é vida, saberes, música, artesanato

O Currículo é ajuri, é canoa, é encontro de panelas

É união

O currículo é cultura

O currículo do outro é preguiçoso

O da escola indígena é ação, transformação

É coletividade em transgressão

Autoria: Professores Indígenas da Escola Kanata T-ykua (2021).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Severina Alves de; ALBUQUERQUE, Francisco Edwiges. A educação escolar indígena diferenciada, bilíngue e intercultural: uma estratégia para manutenção da língua e da cultura Apinayé. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edwiges; CALDAS, Raimunda Benedita Cristina; ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves; ALMEIDA, Severina Alves de (Orgs.). **Ensino de Línguas numa perspectiva intercultural**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Rev. Diálogo Educ**, p. 151-169, 2010.

COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira. Partilhar protagonismo: comunidade indígena com sala multisseriada e formação docente. **RevistAleph**, n. 34, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.



OLIVEIRA, Manoel Inácio de. **Educação escolar indígena no município de Manaus (2011 – 2021):** percursos e desafios em torno das políticas públicas municipais. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de; JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. Políticas Linguísticas no Amazonas. In: FIGUEIREDO, Alexandrina Aparecida de Araújo; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; MARTINS, Andérbio Márcio Silva; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). **Políticas Linguísticas e as Línguas Indígenas Brasileiras**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.